

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

Uma noite na biblioteca

A noite estava escura, assustadoramente escura, antevendo-se uma enorme tempestade, nada previsível para uma noite de verão.

O velho Sebastião, guardião da biblioteca da cidade, sentado na sua secretária, relendo uma das suas obras preferidas, ouviu um ruído ou melhor, um estrondo, vindo da porta principal do edifício.

No seu passo lento e frágil, aproximou-se da grandiosa janela da sala principal. Entreabriu uma das portadas e uma pequena mão acenou vigorosamente.

Era o Júlio. Que faria o jovem naquele sítio e àquela hora? Sebastião retribuiu o aceno e dirigiu-se para a porta frontal para que o rapaz pudesse entrar.

- Que fazes por aqui, meu jovem? – perguntou Sebastião com uma voz meiga.

- Boa noite. Acho que vem aí uma noite muito má. O vento já sopra imenso! Não quis que o senhor passasse esta noite sozinho.- explicou o rapaz

O velho sorriu e dirigiu-se, acompanhado pelo Júlio, para a sua secretária.

- Sabes, agradeço a tua atenção mas na verdade, nunca estou sozinho. Os meus livros são uma ótima companhia. Não me canso de os ler mesmo que os meus olhos já se sintam cansados. Para além disso, estas velhas paredes escondem muitos segredos...- acrescentou misteriosamente o guardião.

O rapaz arregalou os olhos, esperando pelo momento em que finalmente, o velho lhe contasse um dos seus segredos. Sebastião abriu uma gaveta e de lá retirou uma pequena caixa, forrada de veludo azul. Abriu-a e um brilho deslumbrante invadiu a sala. Era o seu anel mágico, portador de poderes imensos.

O rapaz, estático, nem queria acreditar no que via. O velho sorriu e indicou-lhe uma das estantes, com a sua mão rugosa. Um animal com olhos reluzentes e um corpo serpenteando, surgiu por entre dois livros grossos.

Assustado, o Júlio fugiu a correr e a pedir ajuda. Quando parou, olhou em volta, e viu que estava noutra sala da biblioteca. As paredes eram muito brancas, no teto havia luzes brilhantes, as estantes estavam repletas de livros infantis.

Júlio reparou num livro de lombada grossa e vermelha, retirou-o da prateleira e começou a folhear as suas páginas.

Num canto da sala havia uma manta e almofadas de várias cores, o rapaz sentou-se, parecia hipnotizado. Começou a ler, estava cada vez mais calmo.

Entretanto o velho Sebastião chegou à porta da sala, espreitou, mas continuava sem o ver. Resolveu entrar, ao ver o Júlio sentado na manta, aproximou-se silenciosamente e sentou-se ao seu lado.

Calmamente o velho chamou o jovem.

- Júlio, Júlio. Júlio olhou para o velho Sebastião.

Estava sereno, sorriu e disse:

- Olá! O guardião da biblioteca estava admirado com a mudança, mas resolveu não falar dos acontecimentos anteriores. Perguntou-lhe se estava a gostar daquele livro, ao que o rapaz respondeu entusiasmado:

- Sim, este livro é É fantástico. - Queres que leia para ti? - perguntou.

- Claro que sim.

Júlio começou a ler. Lia devagar e num tom de voz baixo, mas com muito entusiasmo. De repente parou. Sebastião espreitou para a página do livro e viu a imagem de uma serpente.

Colocou a sua mão no ombro do rapaz e com calma explicou:

- É apenas uma imagem, não tenhas medo.

Júlio sentiu segurança nas palavras do velho Sebastião e olhou para ele à espera que ele dissesse mais alguma coisa.

- É como aquela que viste à bocado. A serpente não era real, era apenas uma imagem projetada pelo anel.

Júlio arregalou os olhos, olhou para o velho Sebastião e.... disse:

-Será que vai aparecer mesmo uma serpente?

- Não!- respondeu o Sebastião - Não estejas preocupado. Este anel possui poderes fascinantes que nos levam a viver aventuras fantásticas.

O Júlio ficou muito entusiasmado e pediu:

- Sebastião, hoje podemos viver uma aventura nova? -

Sim, vamos ler o livro dos poderes mágicos e partir para a aventura.

Sentaram-se os dois na manta e abriram o pesado e grande livro dourado e começaram a ler.

“ No reino encantado de cristal e arco-íris, vivia a princesa Aurora, que era bela, alta, mas muito corajosa, pois usava a espada como qualquer guerreiro valente, forte e afoito.

Um dia apareceu no reino um cavaleiro negro, chamado Leónio, que queria tirar o tesouro ao rei.

A princesa Aurora com o seu exército iniciou uma grande batalha.....”

O Júlio pediu: - Sebastião, eu quero participar na batalha, quero ser o guerreiro mais forte do exército da princesa Aurora!

- Está bem, coloca o anel mágico no dedo anelar da tua mão direita e salta para dentro do livro - respondeu o Sebastião.

O Júlio assim fez, ao colocar o anel tornou-se cavaleiro com espada e escudo e iniciou a batalha com a princesa Aurora.

A batalha decorria num campo enorme cheio de poderes mágicos, cada um dos guerreiros....

... lutava ferozmente, fiéis à sua princesa que defendiam com bravura.

Júlio viu-se no meio daquele campo. A proteger o seu corpo tinha uma armadura e na mão uma enorme espada.

Eis quando, na sua direção surge uma bruxa de longos cabelos negros montada num coelho gigante com uns olhos vermelhos e assustadores.

Júlio só teve tempo de saltar para o lado e... de repente já estava de novo na biblioteca ao lado de Sebastião que olhava para si muito admirado.

- Não Sebastião, eu quero voltar. Depressa! Dá-me o anel. - Este tinha caído do dedo quando Júlio fugiu à bruxa.

- Cuidado Júlio – avisou Sebastião - sem o anel ficarás perdido na história e nunca mais poderás regressar.

Júlio colocou de novo o anel e regressou à batalha.

À sua frente tinha a princesa Aurora que com teimosia tentava defender-se dos inimigos fiéis ao príncipe Leónidas.

Júlio bramia a sua espada com bravura tentando afastar os guerreiros que o intimidavam.

Após intermináveis horas a batalha terminou e o exército da princesa Aurora celebrava a vitória elevando as suas espadas ao céu e dando vivas.

- Viva Aurora! Viva Aurora a princesa guerreira! No meio da multidão Júlio gritava de satisfação e comemorava eufórico a vitória.

Eis quando, sente que é empurrado e levado de arrasto.

Fica prostrado no chão.

Quando finalmente se ergue a seu lado tem Sebastião com semblante preocupado.

- Oh! Sebastião posso voltar?

- Júlio tem calma. Muitas outras aventuras te esperam.

- Está bem Sebastião. Acho que preciso de apanhar um pouco de ar.

O rapaz foi até à janela mas ao aproximar-se viu um reflexo no vidro, parecia um monstro, um diabo. Esta visão fê-lo estremecer e receoso virou-se para trás.

Nada. Não havia nada.

Acercou-se novamente da janela e com determinação abriu-a. Logo sentiu o ar fresco da noite que invadiu a sala.

De súbito, de uma estante, caiu um livro de lombada esverdeada.

Ao olhar, Júlio vislumbrou na página do livro um peixe dourado que, estranhamente, tinha uns óculos pequenos e redondos e que lhe piscava o olho.

Surpreso, Júlio esfregou os olhos e tornou a olhar.

O peixe abanou as barbatanas parecendo acenar ao rapaz e mergulhou no lago.

Tentado em seguir o estranho animal, Júlio agarrou o anel e sem demoras colocou-o no dedo e zás... saltou para o livro.

- Não Júlio – gritou Sebastião – espera...

Mas Júlio já não o ouvia.

Corria num enorme jardim cheio de estranhas plantas tentando chegar ao lago...

O rapaz estava exausto... parecia ter corrido horas a fio... as suas pernas não aguentavam mais... tinha sede... tinha fome... e aquele caminho que atravessava o jardim parecia não ter fim.

Mas afinal onde estava o lago que procurava? O lago onde tinha mergulhado o peixe dourado que lhe tinha piscado o olho?

Parou para descansar e para olhar melhor a natureza que o rodeava... tudo era estranho...até um pouco sinistro...escuro e sem vida... bem diferente dos jardins que conhecia. Uma espécie de arrepio percorreu-lhe o corpo... por breves segundos sentiu medo... pensou que talvez tivesse cometido um erro ao agarrar no anel sem autorização de Sebastião... a curiosidade falou mais alto que a razão.

Na sua cabeça só pensava onde estaria o velho Sebastião... só ele poderia salvá-lo daquela confusão em que se tinha metido.

A sua mãe bem lhe dizia: “- Júlio, és demasiado curioso, ainda vais arranjar problemas! Olha que a curiosidade matou o gato!”

- Ai se ela agora soubesse por onde é que ele anda... parece que já estava a ouvir a sua voz ameaçadora... “Júlio, Júlio, uma semana sem Playstation!”

Estava tão absorvido por estes pensamentos que nem deu conta que duas criaturas se abeiraram dele... quase desmaiava com o susto quando deu de caras com um anão e com um gigante, que olhavam fixamente para ele, com ar um pouco aborrecido.

- Meu rapaz – começou por dizer o anão – parece-me que estás metido em sarilhos!

- E dos grandes! - retorquiu o gigante com uma voz que o fez estremecer.

Júlio não conseguiu dizer uma única palavra... as emoções eram mais do que muitas... primeiro um peixe dourado, agora estes dois com ar ameaçador... como iria acabar isto?

- Foste precipitado... a tua curiosidade traiu-te... - dizia agora o gigante. - Sim - continuou o anão - devias ter dado ouvidos ao velho Sebastião!

Aquele peixe que viste era uma armadilha para gente curiosa! - Pois! E tu caíste nela meu rapaz, com demasiada facilidade. - dizia o gigante com um certo ar de prazer.

- Agora, para poderes voltar ao teu mundo, só te resta uma arma...- disseram os dois, quase em coro. Júlio, que os ouvia atentamente, atreveu-se, finalmente, a perguntar:

- Uma arma? Como assim? Vou ter de usar uma espingarda, ou algo do género? Vou ter de matar alguém?

O anão e o gigante deram duas valentes gargalhadas...

- Meu rapazinho, a nossa maior arma está dentro de nós – disse o gigante.

- Não interessa se és grande ou pequeno em tamanho, aqui a tua arma vai ser a tua inteligência, e essa, não se mede aos palmos! - concluiu o anão. Durante algum tempo ouviu o gigante e o anão explicarem-lhe que Sebastião estava furioso com ele por ele ter sido desobediente.

Agora restava-lhe apenas uma hora para se tentar salvar. Teria de encontrar uma chave que estava guardada algures naquele jardim, que afinal não passava de uma floresta enfeitiçada.

Para tal, teria de tentar enganar uma águia e um lobo, que eram os guardiões dessa chave que lhe daria acesso à liberdade. Se não tivesse essa chave na sua mão nos próximos 60 minutos, iria esquecer-se para sempre de quem era, de onde veio... e nunca mais voltaria ao seu mundo!

Atentamente, Júlio ouviu todas as indicações dadas pelo gigante e pelo anão e, sem hesitar, partiu floresta fora à procura da chave que lhe devolveria a sua liberdade.

Júlio passou vários dias e noites naquela azáfama, sem descansar nem se alimentar, de forma que começava a perder as suas forças. As suas pernas já não se aguentavam em pé de tão doridas que estavam.

Foi então que caiu estarecido debaixo de um velho carvalho, onde pernoitou. Apesar da humidade existente na folhagem que lhe servia de cama fofa, Júlio dormia um sono profundo.

Ao amanhecer, o pobre rapaz acordou sobressaltado e, mal conseguindo abrir os olhos, deparou-se com um cenário fantástico.... parecia que estava a sonhar.

Encontrava-se deitado numa cama quentinha e, à sua espera, tinha um belo pequeno-almoço.

Sem perceber o que tinha acontecido e sem pensar duas vezes, levantou-se rapidamente pois sentia o seu estômago quase a chegar-lhe à boca.

Foi então que reparou no Gato das Botas que lhe preparava um café bem forte e quente para o despertar.

Enquanto degustavam aquela bela refeição, o velho gato explicou-lhe onde o tinha encontrado e a forma como o levava até sua casa.

Depois de escutar a história do rapaz, o gato resolveu ajudá-lo.

Rapidamente saíram de casa em direção às montanhas pois, segundo o Gato, era lá que se encontravam o lobo e a águia.

Já próximos das montanhas, começavam a ouvir o uivo e o grasnar estridentes dos dois predadores.

Andavam num reboliço tão grande, que pareciam adivinhar a sua presença.

Receosos, protegeram-se dentro de uma pequena gruta de forma a descobrir onde se encontrava a chave e, assim, delinearem um plano de ataque.

Não tardou muito tempo para descobrirem onde a chave se encontrava....

Esta estava no ninho da águia e as suas crias brincavam alegremente com ela.

Foi então que Júlio tomou uma decisão... e começou a correr em direção à encosta, sem pensar no perigo que corria.

Ao avistarem o rapaz, os dois predadores afiaram as suas garras e preparavam-se para o devorar.

Perante aquele cenário, o Gato das Botas correu em auxílio do seu novo amigo e, quando este estava prestes a ser apanhado o astuto Gato, com a sua capa aprisionou os predadores num poço fundo que existia perto da montanha.

De seguida, os dois amigos começaram a correr velozmente pela encosta acima, de forma a conseguir resgatar a bendita chave.

Contudo, quando estavam prestes a alcançá-la... eis que algo espantoso acontece e Júlio desperta sobressaltado.

Afinal, tudo não passava de um sonho.

Sinopse

Esta história foi criada pelos alunos das turmas do segundo e terceiro ano do Centro Escolar de Tábua, no decorrer do ano letivo 2016-2017.

As turmas do primeiro ano criaram as imagens.

A todos a Biblioteca Escolar agradece.

Tábua, 26 de julho de 2017.